BERTOLT
BRECHT
Os fuzis da Senhora Carrar
UMA CRÔNICA DA GUERRA CIVIL ESPANHOLA
1937
38

Os fuzis da Senhora Carrar

Bertolt Brecht

Die Gewehre der Frau Carrar
Escrita em 1937

Tradução: Antonio Bulhões

Peça em um ato

Aproveitando uma ideia de J. M. Synge

Colaboradora: M. Steffin

Personagens

TERESA GARRAR, MULHER DE PESCADOR

RAPAZ, DE NOME JOSÉ, FILHO MAIS MOÇO DE TERESA

OPERÁRIO, DE NOME PEDRO JÁQUERAS, IRMÃO DE TERESA

FERIDO

MANUELA

PADRE

SENHORA PEREZ, IDOSA

PESCADORES 1 E 2

MULHERES E CRIANÇAS

A VOZ DO GENERAL

Numa casa de pescadores na Andaluzia. A um canto do aposento, caiado de branco, um grande crucifixo preto. Teresa Carrar, mulher de pescador, mãe quarentona, está fazendo pão. Perto da janela aberta, seu filho José, um rapaz de quinze anos, talha um moitão. Troar de canhões ao longe.

MÃE — Ainda está vendo o barco de Juan?

RAPAZ — Estou.

MÃE — E a lanterna continua acesa?

RAPAZ — Continua.

MÃE — Não tem nenhum outro barco perto?

RAPAZ — Nenhum.

Pausa

MÃE — Muito me admira: por que ninguém mais saiu?

RAPAZ — A senhora sabe.

MÃE *com paciência* — Se estou perguntando, é porque não sei.

RAPAZ — Não saiu mais ninguém, além de Juan, porque no momento eles têm outra coisa a fazer, em vez de pegar peixe.

MÃE — Ah…

Pausa.

RAPAZ — Juan também não teria saído, se dependesse dele.

MÃE — É, não depende dele.

RAPAZ olhando com mais ímpeto — Não, mesmo.

A mãe põe a massa no fomo, lava as mãos e apanha a rede de pesca para consertar.

RAPAZ — Estou com fome.

MÃE — E ainda não quer que seu irmão vá pescar!

RAPAZ — Isso é uma coisa que eu posso fazer, e o lugar de Juan é na linha de frente.

MÃE — Pensei que você também quisesse ir.

Pausa.

RAPAZ — Será que os navios de mantimentos rompem o bloqueio inglês?

MÃE — De qualquer maneira, eu não tenho mais farinha de trigo, depois desse pão que botei no forno.

O Rapaz fecha a janela.

MÃE — Por que fechou a janela?

RAPAZ — São nove horas em ponto.

MÃE — E daí?

RAPAZ — Às nove horas aquele cachorro fala outra vez pelo rádio e os Perez ligam.

MÃE — Por favor, torne a abrir essa janela, imediatamente! Não se vê nada com essa luz aqui dentro e o reflexo nas vidraças.

RAPAZ — E eu vou ficar aqui plantado, vigiando? Ele não vai fugir, não! A senhora tem medo é de ele ir para a linha de frente.

MÃE — Não seja malcriado! Já é amolação bastante eu ter de ficar vigiando os dois.

RAPAZ — Que “dois”?

MÃE — Você não é melhor que o seu irmão em nada: pior, talvez.

RAPAZ — Eles só ligam o rádio por nossa causa. Já é a terceira noite! Eu ontem vi que escancararam a janela só para nós ouvirmos.

MÃE — Esses discursos não são diferentes daqueles que ouvíamos em Valência.

RAPAZ — Por que não diz logo que são melhores?

MÃE — Você sabe que eu não acho melhores: por que eu iria torcer pelos Generais? Sou contra todo derramamento de sangue.

RAPAZ — Quem foi que começou? Fomos nós, por acaso?

A Mãe *fica em silêncio. O Rapaz abriu de novo a janela e ouve-se um rádio a distância anunciar: “Atenção, atenção! Vai falar Sua Excelência o General Queipo de Llano”. Ouve-se então, alta e cortante, no ar noturno, a voz do General, dirigindo ao povo espanhol o seu discurso para aquela noite.*

VOZ DO GENERAL — Mais hoje, mais amanhã, meus amigos, teremos uma palavra muito séria a dar a vocês. E essa palavra será dada de Madri, quando talvez o que reste à nossa volta já não pareça Madri. E o senhor Arcebispo de Canterbury terá razões de sobra para verter as suas lágrimas de crocodilo. Nossos valentes, mouros terão algumas contas a ajustar!

RAPAZ — Porco!

VOZ DO GENERAL — Meus amigos, o chamado Império Britânico, esse colosso de pés de barro, não nos impedirá de aniquilar a cidade capital de uma gente perversa que ousa fazer frente à irresistível causa nacional. Vamos varrer essa canalha da face da terra!

RAPAZ — “Essa canalha” somos nós, não?

MÃE — Nós não somos revoltosos e não estamos fazendo frente a ninguém. Se dependesse de vocês, talvez fizéssemos: você e seu irmão são irresponsáveis por natureza. Nisso, vocês saíram a seu pai; e eu talvez nem gostasse que fossem diferentes. Mas isso que está aí não é brinquedo: não está escutando os canhões deles? Nós somos gente pobre, e gente pobre não pode meter- se em guerra.

Batem à porta: entra o Operário Pedro Jáqueras, irmão de Teresa Carrar. Percebe-se que fez uma longa caminhada.

OPERÁRIO — Boa-noite!

RAPAZ — Tio Pedro!

MÃE — Que é que você veio fazer aqui, Pedro? *Estende-lhe a mão.*

RAPAZ — Vem de Motril, tio Pedro? Como é que estão as coisas por lá?

OPERÁRIO — Ah, não vão muito bem, não. E vocês?

MÃE *com reserva* — Vai-se indo.

RAPAZ — O senhor saiu de lá hoje?

OPERÁRIO — Foi.

RAPAZ — São quatro horas bem puxadas, não?

OPERÁRIO — Mais do que isso, porque as estradas estão entupidas de refugiados que vão para Almeria.

RAPAZ — E Motril continua resistindo?

OPERÁRIO — Eu não sei como estão as coisas hoje. Ontem à noite ainda estávamos resistindo.

RAPAZ — Por que o senhor saiu de lá, então?

OPERÁRIO — Precisamos de uma porção de coisas, para a linha de frente. E eu pensei em vir visitar vocês, mais uma vez.

MÃE — Quer um gole de vinho? *Vai buscar o vinho*. Dentro de meia hora tem pão fresco.

OPERÁRIO — E Juan, onde está?

RAPAZ — Está pescando.

OPERÁRIO — Verdade?

RAPAZ — Daqui da janela se pode ver a luz do barco dele!

MÃE — A gente tem que viver.

OPERÁRIO — Naturalmente. Ouvi a voz do General no rádio, enquanto eu vinha descendo a rua. Quem é que escuta rádio, por aqui?

RAPAZ — Os Perez, aí defronte.

OPERÁRIO — Ligam sempre que há coisas desse tipo?

RAPAZ — Não, e não são franquistas; não fazem isso por gosto, se é o que você está pensando.

OPERÁRIO — Sim.

MÃE *ao Rapaz* — Ainda consegue avistar seu irmão?

RAPAZ *voltando contrariado à janela* — Pode ficar descansada: ele não caiu do barco.

O Operário apanha a botija de vinho e senta-se perto de Teresa, ajudando-a a remendar as redes.

OPERÁRIO — Que idade mesmo tem Juan agora?

MÃE — Faz vinte e um em setembro.

OPERÁRIO — E José?

MÃE — Você tem alguma coisa em especial a fazer por aqui?

OPERÁRIO — Nada em especial.

MÃE — Já faz tempo que não aparecia.

OPERÁRIO — Dois anos.

MÃE — Como vai Rosa?

OPERÁRIO — Com reumatismo.

MÃE — Pensei que viessem nos visitar.

OPERÁRIO — Rosa talvez ficasse um pouco melindrada, depois do enterro do Carlos.

A Mãe não responde.

OPERÁRIO — Ela achou que vocês deviam ter avisado antes. É claro que nós gostaríamos de estar presentes ao enterro do seu marido, Teresa!

MÃE — Foi tudo tão de repente…

OPERÁRIO — Que foi que houve, afinal?

A Mãe não responde.

RAPAZ — Uma bala no pulmão.

OPERÁRIO *espantado* — O quê?

MÃE — “O que”, o quê?

OPERÁRIO — Mas não estava tudo calmo, por aqui, dois anos atrás?

RAPAZ — Foi em Oviedo, o levante.

OPERÁRIO — E o que é que Carlos fazia em Oviedo?

MÃE — Tinha ido para lá.

OPERÁRIO — Foi embora daqui?

RAPAZ — Quando os jornais deram notícia do levante.

MÃE *amarga* — Assim como outros partem para a América, e arriscam tudo numa cartada só: como fazem os loucos!

RAPAZ *levantando-se* — Está querendo dizer que o pai era louco? Em silêncio e com as mãos trêmulas, Teresa põe de lado a rede e sai do aposento.

OPERÁRIO — Foi muito duro para ela, não?

RAPAZ — Foi.

OPERÁRIO — Teve um trauma, por não tomar a ver seu pai?

RAPAZ — Ainda tornou a ver: ele voltou. Mas isso foi o pior de tudo. Ele chegou lá como se lá nas Astúrias o tivessem posto num trem, de qualquer maneira, com uma atadura no peito, por baixo da túnica, e o despachassem de volta. Teve de fazer duas baldeações, e veio morrer aqui na estação. De repente, uma noite, a porta abriu-se e as vizinhas entraram, como se estivessem trazendo um afogado, encostaram-se na parede, sem dizerem uma palavra, e começaram a balbuciar a ave-maria. Depois trouxeram o pai enrolado numa lona e estenderam no chão. Desde esse dia, a mãe vive na igreja. E bateu a porta na cara da professora, que se dizia uma esquerdista.

OPERÁRIO — Então agora ela ficou beata?

RAPAZ *assentindo com a cabeça* — Juan acredita que é principalmente pelo que o pessoal da vizinhança andou dizendo dela.

OPERÁRIO — E o que é que andaram dizendo dela?

RAPAZ — Que o pai tinha ido porque ela mandou.

OPERÁRIO — E mandou mesmo?

O Rapaz dá de ombros. A Mãe retorna, olha o pão e senta-se de novo perto da rede.

MÃE *ao Operário, que faz menção de voltar a ajudá-la* — Pode deixar! É melhor tomar o seu vinho e descansar, já que se levantou tão cedo.

O Operário pega a botija de vinho e senta-se de novo à mesa.

MÃE — Quer passar a noite aqui?

OPERÁRIO — Não. Eu não tenho tanto tempo assim: preciso estar de volta hoje ainda. Quero só me lavar. *Sai pelos fundos.*

MÃE *fazendo sinal ao Rapaz para se aproximar* — Ele disse a você o que veio fazer?

RAPAZ — Não.

MÃE — Não mesmo?

O Operário reaparece com uma bacia e uma toalha, e lava-se.

MÃE — Os velhos Lopez ainda estão vivos?

OPERÁRIO — Só o marido. *Ao Rapaz* — Foram muitos daqui para a linha de frente?

RAPAZ — Ainda ficaram alguns.

OPERÁRIO — Conosco, desta vez, foi até uma porção de católicos praticantes.

RAPAZ — Alguns daqui também foram.

OPERÁRIO — E todos têm fuzis?

RAPAZ — Não, nem todos.

OPERÁRIO — Isso é que é mau: os fuzis são o que faz mais falta no momento. Aqui no povoado vocês não têm fuzis?

MÃE *cortando a conversa* — Não!

RAPAZ — Há umas pessoas que esconderam os que tinham: enterraram no chão, como se fossem batatas.

A Mãe olha fixamente para o Rapaz.

OPERÁRIO — Sei…

O Rapaz afasta-se vagamente da janela e encaminha-se para o fundo.

MÃE — Aonde vai?

RAPAZ — A lugar nenhum.

MÃE — Volte para a janela!

O Rapaz teima em ficar no fundo do aposento.

OPERÁRIO — Que foi que houve?

MÃE — Por que você se afastou da janela? Me diga, vamos!

OPERÁRIO — Há alguém lá fora?

RAPAZ *com voz rouca* — Não.

Ouvem-se lá fora vozes de crianças caçoando.

VOZES DAS CRIANÇAS —

Juan não é um soldado,

É um covarde consumado:

Mete a cara com pavor

Debaixo do cobertor.

Na janela aparecem três cabeças de crianças.

CRIANÇAS — Uuuh! *Saem correndo.*

MÃE *levanta-se e vai à janela* — Se eu agarro vocês, vão ficar com a bunda roxa de pancada! Seus moleques! *Vira-se para dentro*. São os Perez, de novo.

Pausa.

OPERÁRIO — Você gostava de jogar cartas, José: que tal uma partida?

A Mãe senta-se perto da janela. O Rapaz traz o baralho e os dois homens começam a jogar.

OPERÁRIO — Trapaceando sempre?

RAPAZ *rindo* — Eu já trapaceei alguma vez?

OPERÁRIO — Me parecia. Então eu vou cortar todas as vezes: assim, vale tudo. Na guerra todos os truques são válidos, é ou não é?

A Mãe olha com desconfiança.

RAPAZ — Esse é o pior dos trunfos.

OPERÁRIO — Ainda bem que você diz isso… Ah, e sai logo de ás! Você blefou, mas não foi um pouquinho caro? Desfez a sua artilharia pesada, e agora eu entro com minhas bombinhas. *Recolhe a vaza*. Venha a nós! Audácia é uma coisa muito boa, meu filho, e audácia você tem, mas não é prevenido.

RAPAZ — Quem não arrisca, não petisca.

MÃE — Esse provérbio, ele herdou: o pai costumava dizer que “um homem perfeito arrisca sempre”. Não sei para quê!

OPERÁRIO — O que se arrisca mesmo é a pele. Uma vez, Dom Miguel de Ferrante apostou setenta homens do campo, num jogo com um coronel. Coitado: foi à ruína, e teve de se contentar com os doze empregados que restaram, pelo resto da vida! Mas ele quer mesmo ficar sem o valete de copas!

RAPAZ — Eu não podia jogar outra carta. *Apanha a vaza*. Era a minha única chance!

MÃE — Eles são todos assim. O pai pulava do barco, em mergulho, quando a rede ficava presa…

OPERÁRIO — Vai ver que ele não tinha muitas redes.

MÃE — Muitas vidas também ele não tinha.

Aparece na porta um homem com o uniforme da milícia, a cabeça enfaixada e um braço na tipoia.

MÃE — Pablo, entre de uma vez!

FERIDO — A senhora disse que eu podia voltar para o curativo.

MÃE — Esse aí já está fora do lugar.

Ela corre para os fundos da casa.

OPERÁRIO — Onde foi que arranjou isso?

FERIDO — Em Monte Solluve.

A Mãe reaparece trazendo uma camisa, que ela rasga em tiras, e põe-se a renovar o curativo do Ferido, mas sem tirar os olhos do Operário e do Rapaz; sentados à mesa.

MÃE — Você andou trabalhando de novo, hein!

FERIDO — Só com o braço direito.

MÃE — Mas não devia: não foi por falta de aviso.

FERIDO — Pois é… Dizem que esta noite vão romper o bloqueio. Nossas reservas estão esgotadas. Será que a esta hora já romperam?

OPERÁRIO *intranquilo* — Não, eu não creio: a artilharia já se teria deslocado, se fosse o caso.

FERIDO — Tem razão!

MÃE — Estou machucando seu braço? Diga! Eu não tenho diploma de enfermeira: estou fazendo o melhor que posso.

RAPAZ — Por Madri eles não passam.

FERIDO — Isso ninguém sabe.

RAPAZ — A gente sabe.

FERIDO — Está bem. Mas a senhora rasgou mais uma camisa inteira: não devia ter feito isso, senhora Garrar!

MÃE — Você queria que eu fizesse o curativo com um pano de chão?

FERIDO — Mas a senhora não tem tantas camisas assim.

MÃE — Enquanto tiver, terei. Mas para o seu outro braço eu não sei como arranjar.

FERIDO *ri* — Então da próxima vez eu vou me cuidar melhor! *Ao Operário, pondo-se de pé* — Desde que eles não passem, esses cães! *Sai*.

MÃE — Ah, todos esses tiros de canhão!

RAPAZ — E nós aqui, pescando…

MÃE — Deviam dar-se por muito felizes de estarem ainda inteiros, com seus braços e pernas!

Ouvem-se fora, aumentando e diminuindo ao passarem, ruídos de motores de caminhões e trechos de cantos marciais. O Operário e o Rapaz chegam à janela e espiam.

OPERÁRIO — São as Brigadas Internacionais: vão ser lançadas na frente de batalha agora em Motril.

Ecoa o estribilho de Thalmannkolonne: Die Heimat ist iveit…

OPERÁRIO — São os alemães.

Ouvem-se alguns compassos da "Marselhesa".

OPERÁRIO — Franceses.

A Varsoviana.

OPERÁRIO — Os poloneses.

"*Bandiera rossa*."

OPERÁRIO — Italianos.

“Hold the fort.”

OPERÁRIO — Americanos.

“Los cuatro generales.”

OPERÁRIO — E agora os nossos!

Extingue-se o rumor de cantos e caminhões. O Operário e o Rapaz voltam para a mesa.

OPERÁRIO — Hoje à noite é que tudo se decide. Agora eu tenho mesmo que ir andando. José, esta foi a última!

MÃE *aproxima-se da mesa* — Quem foi que saiu ganhando?

RAPAZ *com orgulho* — Ele!

MÃE *ao Operário* — Então não quer que eu deixe a cama arrumada?

OPERÁRIO — Não: eu preciso ir embora. *Mas continua sentado.*

MÃE — Dê lembranças a Rosa, e diga a ela para não ficar zangada: a gente não sabe o que ainda pode acontecer.

RAPAZ — Eu vou com o tio até ali adiante…

OPERÁRIO — Não é preciso.

A Mãe, de pé, olha pela janela.

MÃE — Você não gostaria de ver Juan?

OPERÁRIO — Gostaria muito. Mas ele não vai voltar cedo, vai?

MÃE — O barco dele está longe demais, lá na altura do cabo. *Deixando a janela*. A gente podia mandar chamá-lo.

Aparece à porta uma jovem: Manuela.

RAPAZ — Salve, Manuela! *Baixinho ao Operário* — É a namorada de Juan. *À jovem* — Manuela, este é o meu tio Pedro!

MANUELA — E Juan, onde está?

MÃE — Juan está trabalhando.

MANUELA — Pensamos que a senhora tivesse mandado Juan para o jardim de infância, jogar bola…

MÃE — Não. Ele foi pescar: Juan é pescador.

MANUELA — Por que ele não foi à reunião que tivemos no colégio? Havia pescadores lá também.

MÃE — Ele não perdeu nada.

RAPAZ — Que reunião foi essa?

MANUELA — Foi para decidirmos que deveriam seguir para a linha de frente, ainda esta noite, todos os homens que pudessem se afastar do povoado. Mas disso vocês deviam saber: mandamos recado para Juan!

RAPAZ — Impossível! Senão, Juan não teria ido pescar! Mãe, a senhora deu o recado a ele?

A Mãe fica em silêncio: parece inteiramente ocupada com o forno.

RAPAZ — Ela não deu o recado a ele, pura e simplesmente! *À Mãe* — Agora eu sei por que mandou Juan pescar!

OPERÁRIO — Não devia ter feito isso, Teresa.

MÃE *empertigando-se* — Deus deu a cada homem um ofício: meu filho é pescador!

MANUELA — A senhora está querendo nos expor ao ridículo, perante o povoado inteiro? Sou apontada com o dedo, em qualquer lugar que vou. Eu já fico doente, só de escutar o nome de Juan. Mas que espécie de gente são vocês aqui?

MÃE — Gente pobre: nós somos gente pobre!

MANUELA — O Governo convocou todos os homens válidos a pegarem em armas: não vai querer me dizer que a senhora não leu isso!

MÃE — Li, sim. É Governo para cá e Governo para lá. E quem vai para o matadouro somos nós! Mas não é por causa disso que eu vou botar meus filhos numa carreta e levar para o magarefe, por minha livre e espontânea vontade!

MANUELA — Não! Vai ficar esperando que eles sejam levados para o muro de fuzilamento. Eu nunca vi uma bobagem tão grande! Por causa de gente como a senhora é que estamos no ponto a que chegamos, e um porco como esse General Llano tem o topete de nos dizer o que diz.

MÃE *fracamente* — Não admito que me falem desse jeito, dentro da minha casa!

MANUELA *fora de si* — Já está toda a favor dos Generais…

RAPAZ *um pouco impaciente* — Não: ela só não quer que os filhos vão para a guerra!

OPERÁRIO — Então quer ficar neutra?

MÃE — Eu sei que vocês querem fazer da minha casa um ninho de conspiradores. Enquanto não virem Juan encostado no paredão, vocês não dão trégua!

MANUELA — E da senhora é que andaram dizendo que fez tudo para ver seu marido na guerra em Oviedo…

MÃE *baixo* — Cale essa boca! Eu não fiz nada com meu marido! Para isso, não! Sei que falam de mim, mas é mentira: tudo não passa de mentira suja! Todos são testemunhas.

MANUELA — Mas não é mal da senhora que falam, senhora Carrar: tudo isso é dito com o maior respeito. No povoado, todos nós sabíamos que Carlos Carrar foi um herói. Mas que ele tivesse de sair às escondidas, na calada da noite, isso é só agora que estamos sabendo.

RAPAZ — Manuela, meu pai não saiu de casa às escondidas, na calada da noite…

MÃE — Cale essa boca, José!

MANUELA — Diga a seu filho que eu não tenho mais nada a ver com ele. E que ele não precisa se desviar, quando passar por mim, com medo de eu perguntar por que é que ele não está onde deveria estar. *Sai.*

OPERÁRIO — Você não devia ter deixado essa moça ir embora assim: em outros tempos, Teresa, você não admitiria.

MÃE — Eu sou a mesma de sempre. Provavelmente andaram apostando que ainda haviam de convencer Juan a ir para a linha de frente. Eu, aliás, já ia mesmo buscá-lo. Ou vai você, José? Não, fique: eu mesma vou. Mas volto já! *Sai*.

OPERÁRIO — Me diga uma coisa, José, você que não é nenhum bobo para a gente ter de explicar tudo: onde é que estão?

RAPAZ — O quê?

OPERÁRIO — Os fuzis!

RAPAZ — De meu pai?

OPERÁRIO — Naturalmente ainda estão por aqui: ele não poderia nem pegar o trem com tanta coisa, quando embarcou.

RAPAZ — Foi isso o que o senhor veio buscar?

OPERÁRIO — Que outra coisa mais?

RAPAZ — A mãe não vai entregar: ela escondeu tudo.

OPERÁRIO — Onde?

O Rapaz aponta para um dos cantos. O Operário levanta-se e faz menção de dirigir-se para o lugar indicado, quando ouve passos.

OPERÁRIO *voltando a sentar-se rapidamente* — Bico calado!

A Mãe entra com o Padre do povoado, um homem alto e forte, com a batina muito surrada.

PADRE — Boa-noite, José! *Ao Operário* — Boa-noite!

MÃE — Padre, este é meu irmão: mora em Motril.

PADRE — Prazer em conhecê-lo. *À Mãe* — Espero que possa me perdoar, mas tenho mais um favorzinho a lhe pedir: será que, amanhã ao meio-dia, pode passar em casa dos Turillos? É que as crianças estão lá sozinhas: a mãe foi encontrar-se com o marido na linha de frente.

MÃE — Isso eu posso fazer, com muito gosto.

PADRE *ao Operário* — Que ventos o trazem por estas bandas? Ouvi dizer que as comunicações de Motril para cá estão muito difíceis.

OPERÁRIO — Por aqui, tudo vai na maior calma, é ou não é?

PADRE — Como?… Ah, sim.

MÃE — Pedro, eu acho que o Padre lhe fez uma pergunta: que foi que fez você vir aqui?

OPERÁRIO — Senti que já era tempo de rever minha irmã.

PADRE *olhando a Mãe, com animação* — Foi muito bom o senhor vir agora visitar sua irmã: já deve ter percebido que as coisas para ela não têm sido fáceis.

OPERÁRIO — Espero que o senhor tenha nela uma boa paroquiana.

MÃE — Precisa tomar um gole de vinho. O Padre fica cuidando dos filhos, quando os pais vão para a linha de frente. Vai ver que passou o dia todo correndo de um lado para outro. *Oferece ao Padre um copo de vinho*.

PADRE *sentando-se e pegando a botija* — Eu só queria saber quem é que vai consertar meus sapatos.

Neste momento começa a ouvir-se de novo o rádio dos Perez. A Mãe faz menção de fechar a janela.

PADRE — Pode deixar a janela aberta, senhora Carrar! Eles me viram entrar aqui. Detestam-me por eu não ter ido para as barricadas, e de vez em quando me agridem com um desses discursos.

OPERÁRIO — Isso o incomoda muito?

PADRE — Para ser franco, me incomoda, sim. Mas pode deixar a janela aberta.

VOZ DO GENERAL — …mas já conhecemos bem a espécie de mentiras com que certas pessoas procuram infamar a causa nacional. Talvez ao Arcebispo de Canterbury nós não paguemos tão bem como os vermelhos, mas em compensação poderíamos dar a ele os nomes de dez mil sacerdotes de quem os seus queridos amigos cortaram a garganta. A esse cavalheiro, embora não tenhamos nenhum cheque a dar, temos a dar a notícia de que o Exército Nacionalista, em seu avanço vitorioso, já tem deparado com grande numero de obuses e fartos cunhetes de armamento, mas até agora ainda não encontrou nem sinal de nenhum sacerdote vivo!

O Operário estende um maço de cigarros ao Padre, que tira um, sorrindo, embora não fume.

VOZ DO GENERAL — Felizmente, para vencer, a causa justa não depende da ajuda dos senhores arcebispos, enquanto puder dispor de bons aviões, homens como o General Franco, o General Mola…

A irradiação é interrompida bruscamente.

PADRE *benevolente* — Graças a Deus, nem os Perez conseguem suportar mais de duas ou três frases! Creio que discursos desse tipo não podem causar boa impressão.

OPERÁRIO — Mas, mesmo assim, já ouvimos dizer que o próprio Vaticano ia difundir semelhantes mentiras pelo mundo inteiro.

PADRE — Isso eu não sei. *Desconsolado*. Tenho para mim que não cabe à Igreja dar o preto por branco e o branco por preto.

OPERÁRIO *olhando para o Rapaz* — Claro que não.

MÃE *cortando a conversa* — Padre, meu irmão é da milícia!

PADRE — Em que setor de combate?

OPERÁRIO — Málaga.

PADRE — A coisa lá está feia, não está?

O Operário fuma, sem responder.

MÃE — Meu irmão não me considera uma boa espanhola: ele acha que eu devia deixar Juan ir para a linha de frente.

RAPAZ — Eu também acho: o nosso lugar é lá!

PADRE — A senhora Carrar sabe muito bem que eu, em sã e perfeita consciência, julgo a sua atitude perfeitamente justa. Em muitas regiões o baixo-clero dá apoio ao Governo constituído. Das dezoito dioceses de Bilbao, dezessete pronunciaram-se a favor do Governo. Não são poucos os meus colegas de batina que marcharam para a linha de frente. E alguns já tombaram na luta. Mas eu não sou um combatente, de jeito nenhum. Deus não me concedeu o dom de conclamar meus paroquianos, alto e bom som, a lutarem por uma… *procura a palavra* — por uma causa, seja ela qual for. Para mim prevalece a palavra de Nosso Senhor: “Não matarás!”. Eu não sou rico, não sou dono de mosteiro, e reparto com meus companheiros o pouco que possuo: essa talvez seja a única coisa capaz de dar algum valor às minhas palavras.

OPERÁRIO — Não há dúvida. A questão é saber se o senhor não é mesmo um combatente. Espero que me entenda. Se, por exemplo, um homem vai ser morto e procura defender-se, e o senhor segura o braço dele dizendo “não matarás”, permitindo que o sangrem como a um frango, aí talvez o senhor esteja também tomando parte na luta, quero dizer, à sua maneira. Creio que pode me perdoar por falar assim.

PADRE — Por enquanto, é na fome só que eu tomo parte.

OPERÁRIO — E de que modo imagina que voltaremos a ter o pão nosso de cada dia, que o senhor pede no padre-nosso?

PADRE — Isso eu não sei: eu só posso é pedir.

OPERÁRIO — Então talvez interesse ao senhor saber por que motivo, ontem de noite, Deus fez os navios de mantimentos darem meia-volta.

RAPAZ — Isso é verdade? Mãe, os navios deram meia-volta!

OPERÁRIO — Pois é: é a neutralidade. *Incisivo*. E o senhor, também é neutro?

PADRE — Que quer dizer?

OPERÁRIO — É isso mesmo: partidário da não intervenção! E, sendo pela não intervenção, admite, no fundo, todo esse banho de sangue em que os Senhores Generais vêm mergulhando o povo espanhol.

PADRE *levando as mãos à altura da cabeça, num gesto defensivo* — Isso eu não admito!

OPERÁRIO *fitando-o com os olhos semicerrados* — Fique um instante assim com as mãos para o alto: nessa mesma posição, cinco mil dos nossos homens tiveram que sair de casa, durante o cerco de Badajoz, e nessa mesma posição foram abatidos a tiros.

MÃE — Pedro, como é que você pode dizer uma coisa dessas?

OPERÁRIO — O que eu acho curioso, Teresa, é a posição dessas pessoas, que não admitem ser tão grotescamente parecida com a posição de quem capitula. Eu já li, muitas vezes, que as pessoas que não querem assumir nenhuma culpa acabam lavando as mãos em bacias de sangue. E esse sangue, depois, bem que se vê nas mãos!

MÃE — Pedro!

PADRE — Pode deixar, senhora Carrar: os ânimos andam quentes nos dias de hoje. Depois que tudo passar, nós todos voltaremos a raciocinar com calma.

OPERÁRIO — Pensei que íamos ser varridos da face da terra, por sermos uma gente perversa…

PADRE — Quem disse isso?

OPERÁRIO — O General do rádio. Não escutou, ainda há pouco? Ah, o senhor ouve muito pouco o rádio!

PADRE *desdenhoso* — Ora, esse General…

OPERÁRIO — Não diga “ora, esse General”, porque, para nos varrer da face da terra, “esse General” reuniu toda a escória da Espanha, sem falar nos mercenários mouros, italianos e alemães!

MÃE — Também é uma vergonha trazerem para cá essa gente que faz guerra por dinheiro.

PADRE — Mas vocês não acreditam que também do outro lado possa haver gente

honesta e convicta?

OPERÁRIO — Eu só sei que espécie de convicção é essa.

Pausa.

PADRE *consultando o relógio* — Eu ainda vou passar na casa dos Turillos.

OPERÁRIO — O senhor não acha que a Câmara dos Deputados, onde o Governo tinha maioria, foi eleita legal e honestamente?

PADRE — Creio que sim.

OPERÁRIO — Quando eu falava, ainda há pouco, de um homem que se defende e a quem seguram os braços, não era um simples jogo de palavras: literalmente eu estava dizendo que nós não temos nada além dos nossos braços nus…

MÃE *interrompendo* — Não recomece com isso, que não faz nenhum sentido.

PADRE — Os homens nasceram de braços nus, como todos sabemos. O Criador não os fez saírem do ventre materno com armas nas mãos. Eu conheço a doutrina de que toda a miséria do mundo resulta de que os pescadores e operários — acho que o senhor é operário — só dispõem dos braços nus para lutarem pela subsistência. Mas em nenhuma parte das Sagradas Escrituras consta que este seja um mundo de perfeição. Ao contrário: é repleto de miséria, pecado e opressão. Feliz de quem, embora a contragosto, foi posto neste mundo sem armas nas mãos, e pode sair dele sem ter posto as mãos em nenhuma arma!

OPERÁRIO — Muito bem dito! Eu não tenho nada contra as frases que soam tão bem: só queria que elas causassem alguma impressão ao General Franco. Mas o pior é que o General Franco está aí, armado até os dentes, sem a menor intenção de sair deste mundo. Se ele saísse, nós imediatamente jogaríamos fora todas as armas da Espanha. Hoje mesmo os aviadores dele jogaram uns volantes em cima de Motril, e eu apanhei um no meio da rua.

O Operário tira do bolso um papel, que o Padre, a Mãe e o Rapaz examinam.

RAPAZ *à Mãe* — Veja só: eles aqui tornam a dizer que vão arrasar tudo!

Mãe *lendo* — Absolutamente, não podem fazer isso!

OPERÁRIO — Podem, sim. Padre, o que é que o senhor acha?

RAPAZ — E então?

PADRE *hesitante* — Imagino que tecnicamente talvez estejam em condições de fazer isso. Mas, se entendi bem o que a senhora Carrar quis dizer, para ela não é só uma questão de aviões. Num panfleto assim eles podem fazer ameaças, para abrir os olhos do povo sobre a gravidade da situação; mas daí a executarem militarmente as ameaças vai uma grande distância.

OPERÁRIO — Eu não entendi bem.

RAPAZ — Nem eu.

PADRE *ainda mais hesitante* — Eu acho que falei com bastante clareza…

OPERÁRIO — As suas frases são claras, mas o que não ficou muito claro para José e para mim foi o que o senhor queria dizer: acha, então, que não vão nos bombardear?

Pequena pausa

PADRE — Acho que é apenas uma ameaça.

OPERÁRIO — Que não será executada?

PADRE — Não.

MÃE — Pelo que eu li, o que eles querem justamente é evitar derramamento de sangue, e por isso nos previnem para não nos levantarmos contra eles.

RAPAZ — Generais querendo evitar derramamento de sangue?

MÃE *estendendo o panfleto ao Rapaz* — Aqui está escrito: quem depuser as armas, será poupado.

OPERÁRIO — Só quero perguntar mais uma coisa, Padre: o senhor acredita que eles vão poupar quem depuser as armas?

PADRE *olhando em volta desamparado* — O que se diz é que o General Franco sempre repete que é um bom cristão.

OPERÁRIO — Isso quer dizer que ele vai cumprir a promessa?

PADRE *veemente* — Tem de cumprir, senhor Pedro!

MÃE — Assim, a quem não lutar, nada poderá acontecer.

OPERÁRIO — Senhor Padre… Desculpando-se. Não sei como se chama…

PADRE — Francisco.

OPERÁRIO *continuando* — …Francisco, o que eu gostaria de saber não é a sua opinião sobre o que o General Franco pode ou deve fazer, mas sim o que na sua opinião ele vai fazer realmente. Está entendendo a minha pergunta?

PADRE — Estou.

OPERÁRIO — Entende que eu lhe faço essa pergunta como homem de Cristo que o senhor é, ou, melhor dizendo, como um homem que não é dono de mosteiro, como frisou há pouco, e que está pronto a dizer a verdade, ainda em caso de vida ou de morte. Pois disso é que se trata, não é mesmo?

PADRE *muito inquieto* — Eu compreendo o que quer dizer.

OPERÁRIO — Talvez eu possa ajudar o senhor a responder, lembrando ao senhor o que aconteceu em Málaga.

PADRE — Eu sei aonde quer chegar. Mas tem certeza de que em Málaga não houve resistência?

OPERÁRIO — O senhor sabia que cinquenta mil homens, mulheres e crianças que iam fugindo foram ceifados pelos canhões dos navios e pelas bombas e metralhadoras das esquadrilhas aéreas de Franco, ao longo dos duzentos e vinte quilômetros da estrada para Almeria?

PADRE — Pode ter sido uma notícia falsa.

OPERÁRIO — Como aquela dos padres fuzilados?

PADRE — Como aquela dos padres fuzilados.

RAPAZ — Também não foram mortos os cinquenta mil?

O Padre mantém-se calado.

OPERÁRIO — A senhora Carrar e os filhos não levantam um dedo contra o General Franco. Sendo assim, a senhora Carrar e os filhos estão em segurança?

PADRE — A julgar com a humanidade…

OPERÁRIO — A julgar com a humanidade, como?

PADRE aflito — Que garantia o senhor quer que eu lhe dê?

OPERÁRIO — Nenhuma. Eu quero apenas a sua opinião: a senhora Carrar e os filhos dela estão em segurança?

O Padre silencia.

OPERÁRIO — Acho que já respondeu. O senhor é honesto.

PADRE *levantando-se, perturbado* — Então, senhora Carrar, posso contar com a senhora, para ir ver as crianças dos Turillos?

MÃE *igualmente perplexa* — Vou sim, e levo alguma coisa para elas comerem. Muito grata pela sua visita!

O Padre se retira cumprimentando com um gesto de cabeça o Operário e o Rapaz; a Mãe sai com ele.

RAPAZ — O que o senhor disse agora é o que ela deve estar cansada de ouvir… Não vá embora sem os fuzis!

OPERÁRIO — Depressa! Onde é que estão?

Dirigem-se para o fundo do aposento, afastam uma arca e levantam algumas tábuas do assoalho.

RAPAZ — Mas ela já vem aí!

OPERÁRIO — A gente põe os fuzis do lado de fora da janela, e na saída eu apanho.

Tiram apressadamente os fuzis de um caixote de madeira, deixando cair no chão uma pequena bandeira puída em que estão enrolados.

RAPAZ — A bandeirinha é daqueles tempos! O que me espanta é ver o senhor aí sentado, com tanta calma, quando a pressa é tão grande.

OPERÁRIO — Eu tinha que levar este arsenal!

Os dois experimentam os fuzis, vendo se funcionam. De repente o Rapaz tira do bolso um barrete da milícia e o põe na cabeça, triunfante.

OPERÁRIO — Onde foi que arranjou esse barrete?

RAPAZ — Fiz uma troca.

O Rapaz lança um olhar receoso em direção à porta e toma a enfiar no bolso o barrete: a Mãe acaba de voltar.

MÃE — Podem deixar esses fuzis onde estavam! Foi para isso, então, que você veio?

OPERÁRIO — Foi, Teresa: nós precisamos muito! Não podemos enfrentar os Generais com as mãos vazias.

RAPAZ — Mãe, a senhora ouviu do próprio Padre como é que estão as coisas.

MÃE — Se veio só por causa dos fuzis, não precisa ficar mais esperando: não vai adiantar! E se não podem nos deixar em paz, em nossa casa, pego meus filhos e vou embora daqui!

OPERÁRIO — Teresa, você já viu nosso país no mapa? Tem o feitio de um prato quebrado. Na rachadura estão as águas do mar, e na beira do prato está a artilharia; sobre nossas cabeças voam os bombardeiros. Você quer ir para onde, a não ser para a boca dos canhões?

A Mãe aproxima-se do Operário, arranca-lhe os fuzis das mãos e fica com eles nos braços.

MÃE — Estes fuzis você não leva, Pedro!

RAPAZ — Mãe, deixe o tio levar: eles aqui só estão enferrujando!

MÃE — José, cale essa boca! Que é que você entende dessas coisas?

O Operário retoma calmamente à sua cadeira, senta-se e acende um cigarro.

OPERÁRIO — Teresa, você não tem direito de esconder os fuzis do Carlos.

MÃE *embrulhando os fuzis* — Com direito ou sem direito, a vocês eu não entrego! Não tem cabimento vocês virem aqui levantar o meu assoalho para tirar qualquer coisa contra a minha vontade.

OPERÁRIO — Não se trata de qualquer coisa que pertença à sua casa. Na presença de seu filho eu não quero dizer o que estou pensando de você, nem o que estaria pensando o seu marido: ele era um homem de luta. Imagino que você perdeu a cabeça, temendo por seus filhos. Mas é claro que não vamos entrar nesse tipo de considerações…

MÃE — Que está querendo dizer?

OPERÁRIO — Estou dizendo que sem os fuzis eu não saio daqui: disso, você pode ter certeza.

MÃE — Só se passar por cima do meu cadáver!

OPERÁRIO — Não vou passar: não sou o General Franco. Só quero ter uma conversa com Juan, depois eu vou e levo os fuzis.

MÃE incisiva — Juan não volta tão cedo.

RAPAZ — Foi a senhora mesma quem chamou!

MÃE *incisiva* — Não chamei, nada! E não quero que ele veja você, Pedro.

OPERÁRIO — Era o que eu estava pensando. Mas eu também tenho voz, posso ir até à beira-mar e gritar para ele voltar. Uma frase é o bastante: eu conheço o Juan. Ele não é nenhum covarde, Teresa, e nem você vai poder impedir.

RAPAZ — Também vou com vocês.

MÃE *com muita calma* — Deixe meus filhos em paz, Pedro! Eu já disse a eles que me enforco, se eles forem: sei que isso, aos olhos de Deus, é um pecado que leva à danação eterna. Mas eu não tenho outra coisa a fazer. Quando Carlos morreu, daquele jeito, eu fui procurar o Padre; não fosse isso, eu já me teria enforcado naquela ocasião. Eu tinha plena consciência da minha culpa, embora a dele fosse maior, com aquele temperamento e aquela propensão para a violência. Esta vida não é assim tão boa, e suportá-la às vezes não é fácil. Mas fuzis não resolvem; foi o que eu percebi, quando trouxeram o corpo de Carlos e o puseram deitado aí no chão. Não sou partidária dos Generais, e é uma infâmia dizerem isso de mim. Mas se eu souber dominar meus impulsos, talvez eles nos poupem: é um simples cálculo, e o que eu peço é bem pouco. Nunca mais quero ver esta bandeira: amarguras, nós já temos de sobra!

Em silencio encaminha-se para a pequena bandeira, pega-a e rasga-a. Logo em seguida, abaixa, recolhe os pedaços rasgados e guarda-os no bolso.

OPERÁRIO — Teria sido melhor você se enforcar, Teresa.

Batem à porta, e entra a Senhora Perez: uma senhora idosa, vestida de preto.

RAPAZ *ao Operário* — É a Senhora Perez.

OPERÁRIO *a meia voz* — Que espécie de gente é?

RAPAZ — Boa gente. É aquela que liga o rádio. A filha dela tombou na linha de frente, na semana passada.

SENHORA PEREZ — Sabe? Eu só estava esperando até ver o Padre sair. Estava mesmo querendo falar com a senhora sobre o meu pessoal: eu queria lhe dizer que não acho direito criarem dificuldades para a senhora por causa dos seus pontos de vista.

A Mãe fica em silêncio.

SENHORA PEREZ *que já se sentou* — A senhora teme é pelos seus filhos, senhora Carrar. As pessoas nem sempre imaginam como é difícil criar os filhos, nos dias de hoje. *Vira-se um pouco para o Operário, a quem não tinha sido apresentada*. Agora, depois da morte de Inez, não me restam tantos. Dois não foram além dos cinco anos: perdi nos anos da fome de 1898 e 1899. Andrés, eu nem sei onde está: a última carta que mandou foi do Rio de Janeiro, lá na América do Sul. Mariana está em Madri, sempre se queixando; ela nunca foi muito forte. Nós, os velhos, sempre imaginamos que tudo quanto vem depois é mesmo um pouco mais frágil.

MÃE — Mas a senhora ainda tem o Fernando.

SENHORA PEREZ — É.

MÃE *embaraçada* — Perdão! Eu não quis magoar a senhora.

SENHORA PEREZ *calma* — Não precisa pedir desculpas: eu sei que não falou por mal.

RAPAZ *baixinho ao Operário* — É o filho dela que está com Franco.

SENHORA PEREZ *firme* — Nós nunca mais falamos em Fernando. *Depois de uma pausa breve*. Sabe? A senhora não poderá compreender bem minha família, se não levar em consideração que, além de sentir muito, nós lamentamos profundamente a perda de Inez.

MÃE — De Inez, todos nós gostávamos. *Ao Operário* — Foi ela que ensinou Juan a ler.

RAPAZ — E a mim também.

SENHORA PEREZ — Andam dizendo por aí que a senhora é do outro lado, mas eu desminto isso sempre. Nós sabemos muito bem qual é a diferença que existe entre ricos e pobres.

MÃE — Eu não desejo que meus filhos sejam soldados: eles não são gado para o matadouro.

SENHORA PEREZ — Sabe, senhora Carrar? É o que eu digo sempre: para quem é pobre, não há segurança alguma na vida. Quero dizer: nós somos sempre os que apanham, de um jeito ou de outro. E a esses, que apanham sempre, é que dão o nome de pobres. E aos pobres não há prudência que salve, senhora Carrar. A nossa Inez sempre foi a mais cautelosa de todos os nossos filhos: a senhora não calcula o que meu marido precisou fazer para ensiná-la a nadar!

MÃE — Acho que ainda poderia estar viva.

SENHORA PEREZ — Mas como?

MÃE — Por que é que tinha a sua filha, que era professora, de empunhar um fuzil e ir lutar contra os Generais?

OPERÁRIO — Que aliás são financiados ate por Sua Santidade o Papa!

SENHORA PEREZ — Ela dizia que pretendia continuar como professora.

MÃE — E não poderia continuar na escola dela, em Málaga, fosse qual fosse o General que entrasse ou saísse?

SENHORA PEREZ — Nós conversamos muito a esse respeito. O pai abriu mão do fumo durante sete anos, e por sete anos os irmãos não puseram na boca nem uma gota de leite, para ela se formar professora. Mas agora Inez dizia que não via jeito de ensinar que dois mais dois são cinco e que o General Franco é um enviado de Deus.

MÃE — Se Juan viesse me dizer que com os Generais ele não tinha mais jeito de pescar, eu saberia abrir os olhos dele. A senhora acha que os que nos exploram vão deixar de nos arrancar a pele, se nós nos livrarmos desses Generais?

OPERÁRIO — Eu acho que, se nós tivermos fuzis, vai ser muito mais difícil para eles.

MÃE — Fuzis, sempre fuzis! E tiroteio, sempre!

OPERÁRIO — Quem foi que falou nisso? Se um tubarão ataca e você se defende, é você quem recorre à violência? Fomos nós que marchamos sobre Madri ou foi o General

Mola que atravessou as montanhas para nos agredir? Durante dois anos houve um pouco de luz, uma luz fraquinha, que não era ainda o crepúsculo; mas agora querem que se faça a noite de novo. E nem isso! De agora em diante, as professoras não vão mais poder ensinar às crianças que dois e dois são quatro, e as que ousarem dizer isso hão de ser exterminadas. Você não escutou o homem dizer, esta noite mesmo, que vamos ser varridos da face da terra?

MÃE — Só os que pegarem em armas. Comigo vocês não devem falar assim: eu não posso discutir com vocês todos. Meus filhos me olham como se eu fosse da polícia. Se a lata de farinha de trigo fica vazia, eu posso ler na cara deles que a culpa é minha. E se os aviões vêm nos bombardear, eles olham para o outro lado, como se aquilo fosse por ordem minha. Por que é que o Padre fica mudo, quando deveria dizer qualquer coisa? Pensam que fiquei maluca, por acreditar que os Generais são seres humanos; muito maus, sim, mas não são nenhum terremoto com quem não se pode argumentar! E a Senhora Perez, por que é que fica aí sentada em minha sala a me dizer uma porção de coisas? Está pensando que eu não sei de tudo o que vem me dizer? Se a sua filha está morta, agora é a vez dos meus: não é isso o que a senhora quer? A senhora invade a minha casa, como se fosse um cobrador de impostos: mas eu já paguei a minha cota.

SENHORA PEREZ *levantou-se* — Senhora Carrar, eu não queria provocar a sua cólera. Não compartilho da opinião de meu marido, de que se deve forçar a senhora a fazer alguma coisa. Nós tínhamos o senhor seu marido em muito bom conceito, e eu queria pedir à senhora para desculpar os aborrecimentos que o meu pessoal lhe dá.

Retira-se a Senhora Perez; com um cumprimento de cabeça ao Operário e ao Rapaz.

Pausa.

MÃE — O pior, é que, com tanta insistência, acabam levando a gente a dizer, em voz alta, coisas que nem estavam sendo pensadas. Eu não tenho nada contra Inez, absolutamente.

OPERÁRIO *furioso* — Você está contra Inez, sim! A partir do momento que não fez nada por ela, ficou contra ela! Você também diz que não está com os Generais, e isso também não é verdade: a partir do momento que não ajuda a nós, está ajudando a eles! Neutra você não pode continuar, Teresa!

RAPAZ *dirigindo-se de repente à Mãe* — Vamos, mãe! Isso não vale nada para a senhora! *Ao Operário* — Ela agora está sentada em cima da caixa dos fuzis, para nós não podermos apanhá-los… Desista, Mãe!

MÃE — Ora, José: cresça e apareça!

RAPAZ — Mãe, eu quero ir com o tio Pedro! Não quero ficar aqui esperando que nos venham sangrar como porcos. A senhora me proibiu de fumar, mas não vai me proibir de lutar! Felipe, que não faz nem a metade do que eu faço com uma pedra, já está lá; e Andrés, que é um ano mais moço que eu, já tombou lutando. Não quero ser motivo de riso do povoado inteiro.

MÃE — É, eu sei. Até o Pablo, tão pequenino, chegou a dizer que dava o coelho dele, morto, a um motorista de caminhão, se o levasse para a linha de frente: ridículo!

OPERÁRIO — Ridículo, não!

RAPAZ — Diga ao Ernesto Turillo que ele pode ficar com o meu barquinho. — Vamos Tio Pedro!

Faz menção de sair.

MÃE — Você fica!

RAPAZ — Não, eu vou! A senhora pode dizer que precisa de Juan, mas de mim também não precisa.

MÃE — Não é para me dar peixe que eu preciso de Juan. E eu não quero que você vá, também! *Corre para ele e o abraça fortemente*. Você pode fumar quando quiser; e se quiser pescar sozinho, pode ir; pode ir até no barco do seu pai, que eu não vou dizer nada!

RAPAZ — Me largue!

MÃE — Não! Você fica aqui!

RAPAZ *escapulindo* — Eu já estou indo!! Tio, os fuzis, depressa!

MÃE — Ai!

A Mãe solta o Rapaz e anda mancando, mal pousando no chão um dos pés.

RAPAZ — O que é que a senhora tem?

MÃE — Que importa a você o que eu tenho? Vá, de uma vez! Sua mãe, pelo menos, você já venceu.

RAPAZ *desconfiado* — Eu não fiz nada. A senhora não tem coisa nenhuma!

MÃE *massageando o pé* — Não tenho nada. Vá embora de uma vez!

OPERÁRIO — Não quer que eu ponha o seu pé no lugar?

MÃE — Não. Vá embora! Saia da minha casa! Você insuflou meus filhos, para os dois se lançarem contra mim?

RAPAZ *com raiva* — Ora, fui eu que me lancei contra ela! *Pálido de cólera, dirige-se ao fundo do aposento.*

MÃE — Você quer se tornar um criminoso! Por que não me roubam do forno o último pão? Podem até me amarrar na cadeira com uma corda: vocês agora são dois!

OPERÁRIO — Chega de comédia, sim?

MÃE — Juan é louco, também, mas nunca seria capaz de uma violência contra a própria mãe! Ele vai dar uma lição a vocês dois quando chegar, Juan!

Levanta-se de repente, como que tomada de um pressentimento, e corre à janela: esquece-se de mancar, e o Rapaz aponta para os pés dela, indignado.

RAPAZ — Num instante ficou boa do pé!

MÃE *olhando para fora, subitamente* — Não sei, eu não vejo mais a lanterna de Juan!

RAPAZ *rabugento* — Como é que ela não ia estar mais lá?

MÃE — O fato é que ela não está mais lá!

O Rapaz chega à janela e olha para fora.

RAPAZ *ao Operário, com uma voz de espanto* — Não está, mesmo! Da ultima vez estava lá longe, perto do cabo. Vou dar uma corrida e saber o que há. *Sai às pressas.*

OPERÁRIO — Talvez já esteja voltando.

MÃE — Se ele estivesse voltando, a lanterna seria vista.

OPERÁRIO — O que é que pode ter acontecido?!

MÃE — Ah, eu já sei: ela foi lá chamar por ele!

OPERÁRIO — Quem? A moça? Claro que não!

MÃE — É sim, foram buscá-lo! *Em crescente irritação.* Era um plano, que puseram em prática! Mandaram aqui um, depois outro, a tarde toda, para eu não poder tomar conta! Assassinos! São todos assassinos!

OPERÁRIO *meio brincalhão, meio zangado* — O Padre, pelo menos, não veio aqui a mando de ninguém!

MÃE — Não sossegam enquanto não arrastarem todos!

OPERÁRIO — Não está querendo dizer que ele foi para linha de frente, está?

MÃE — São os assassinos dele, mas ele também não é melhor que os outros! E isto se faz: sair assim às escondidas, na calada da noite? Não quero que apareça mais na minha frente!

OPERÁRIO — Teresa, eu não entendo mais você. Não está percebendo que não pode fazer a ele maior mal do que tentando impedir que entre na luta? Ele jamais lhe será grato por isso!

MÃE *como que distraída* — Não foi por mim que eu disse a ele que não devia lutar.

OPERÁRIO — Não se trata de lutar por nós, Teresa: quem não faz a nossa luta faz a luta dos Generais.

MÃE — Se ele foi capaz de fazer isso comigo e ir se alistar na milícia, amaldiçoado seja! Tomara que o acertem com as bombas dos aviões! Tomara que o esmaguem com os tanques! Para ele ver que Deus não gosta de pouco caso, e que gente pobre não pode fazer nada contra os Generais. Eu não trouxe ele ao mundo para tocaiar os semelhantes atrás de uma metralhadora. Se há injustiça no mundo, eu não ensinei filho meu a tomar parte nela. E se ele me aparecer de volta, eu não abro a porta, nem que me diga que venceu os Generais! Detrás da porta mesmo eu digo a ele que em minha casa não quero ninguém manchado de sangue. Vai ser arrancado da minha vida como um pé gangrenado. É isso que eu vou fazer. Um dos meus já me levaram: também achava que ia ter sorte. Mas sorte não é para nós. Vocês talvez ainda aprendam isto, antes que os Generais acabem conosco: quem com ferro fere, com ferro será ferido!

Ouve-se do lado de fora um burburinho de vozes, a porta se abre, e três mulheres entram, com as mãos cruzadas no peito, rezando a ave-maria. Elas se alinham contra a parede, e pela porta que ficou aberta entram dois Pescadores trazendo Juan Carrar; com

uma vela manchada de sangue: morto. Atrás, pálido de morte, vem o Rapaz. Os Pescadores pousam o cadáver no chão; um deles segura a lanterna de Juan. Enquanto a Mãe, da sua cadeira, olha petrificada, e as mulheres rezam mais alto, os Pescadores, em voz baixa, explicam ao Operário o que aconteceu.

PESCADOR 1 — Foi uma daquelas chalupas de pesca que eles têm, armadas de metralhadoras: iam passando por ele e mandaram bala, sem mais nem menos.

MÃE — Não pode ser! Só pode ter sido engano! Ele só estava pescando!

Os Pescadores calam. A Mãe pende para o chão e é amparada pelo Operário.

OPERÁRIO — Ele não deve ter sofrido nada.

A Mãe se ajoelha ao lado do morto.

MÃE — Juan!

Por algum tempo ouvem-se apenas o murmúrio das mulheres chorando e o surdo rumor do canhoneio ao longe.

MÃE — Vocês podem me ajudar a estender o corpo em cima da arca?

O Operário e os Pescadores levantam o morto e levam-no para os fundos do aposento, onde está a arca. A vela fica no chão. As rezas das mulheres tomam-se mais sonoras e claras. A Mãe toma o filho pela mão e vai com ele para perto do morto.

OPERÁRIO *de novo aos Pescadores* — Ele estava sozinho? Não saiu nenhum outro barco?

PESCADOR 1 — Nenhum. Mas esse aí estava na praia. *Aponta para o segundo Pescador*.

PESCADOR 2 — Eles nem perguntaram nada a Juan: só deram uma varrida no mar com o holofote, e a lanterna dele caiu dentro do barco.

OPERÁRIO — Então não viram que ele só estava pescando?

PESCADOR 2 — Isso eles devem ter visto.

OPERÁRIO — E Juan não gritou nada para eles?

PESCADOR 2 — Se ele gritasse, eu teria escutado.

A Mãe se adianta, levando na mão o boné de Juan, que o Rapaz havia trazido.

MÃE *com simplicidade* — A culpa foi do boné.

PESCADOR l — Como assim?

MÃE — Todo puído: um homem decente não usa um boné assim.

PESCADOR 1 — Então eles podem ir atirando em qualquer um que esteja com o boné puído?

MÃE — Eles podem, sim. Eles não são gente. Isso é uma lepra, e tem de ser tratada a fogo como a lepra. *Às mulheres que rezam, com delicadeza* — Eu gostaria que vocês se retirassem: há muita coisa a fazer aqui, e meu irmão está comigo.

Saem as mulheres, os Pescadores e outros estranhos.

PESCADOR 1 *saindo* — O barco dele nós deixamos lá amarrado.

Quando ficam só os da família, a Mãe pega uma bandeira e olha bem para ela.

MÃE — Ainda há pouco rasguei uma bandeira, e já me trazem outra. *A Mãe vai com a bandeira para o fundo do aposento e cobre com ela o morto. Nesse momento modifica-se o ribombar dos canhões ao longe, como se de repente estivesse mais perto.*

RAPAZ *apático* — Que será isso?

OPERÁRIO *levantando-se de repente atento* — Romperam o bloqueio! Agora eu preciso ir!

MÃE *em voz alta, enquanto se encaminha para o forno* — Leve os fuzis! José, vá se preparar! O pão também já está pronto. *Enquanto o Operário tira da caixa os fuzis, ela cuida do pão: retira-o do forno, embrulha-o numa toalha e dirige-se para os dois homens, empunhando um dos fuzis.*

RAPAZ — A senhora também quer vir conosco?

MÃE — Vou, por Juan!

Encaminham-se para a porta de saída.

FIM

OCR e .rtf: **Milton Fi**